

Mercedes pode usar fibra amazônica em peças de novo carro

por Raimundo José Pinto
de Belém

A partir do próximo ano, a Mercedes-Benz deverá passar a utilizar uma fibra natural da Amazônia em substituição à fibra de vidro em alguns componentes dos caminhões e ônibus que fabrica no Brasil. O novo material poderá ser empregado inclusive no automóvel que a montadora alemã começará a produzir aqui a partir de 1999, o Classe A.

A fibra é o curauá, planta da família dos ananás cultivada por famílias de agricultores da vila de Curuai, município paraense de Santarém, na margem direita do rio Amazonas.

Pesquisas feitas no centro de desenvolvimento da matriz Daimler-Benz, em Ulm, na Alemanha, indicaram que o curauá é uma das melhores fibras vegetais que existem na natureza, ao lado do cânhamo, rami e linho, segundo informação da assessoria de imprensa da montadora no Brasil.

"Este trabalho ainda está em fase de estudos, pois há necessidade de exaustivos testes para verificar-se as inúmeras características do material dentro de cada aplicação", diz o assessor Roberto Barreiros. No ano passado, o Banco da Amazônia (Basa) liberou R\$ 49 mil para financiar um hectare de plantio de curauá para cada uma das 49 famílias envolvidas no projeto.

Este ano o governo do Pará deverá liberar mais recursos para ampliar a área plantada para 100 hectares. Até o final deste semestre devem ser concluídas as obras de uma rodovia que está sendo construída pelo governo, a Translago, que vai facilitar o escoamento da produção dos agricultores que moram em volta do lago grande do Curuai. As famílias ficam isoladas boa parte do ano, quando as águas do lago baixam, impedindo o acesso das embarcações.

O aproveitamento industrial do curauá é resultado de um trabalho iniciado pelo Programa Pobreza e Meio Ambiente (Poema), da Universidade

Federal do Pará, que desenvolve vários projetos, entre os quais o de beneficiamento de produtos naturais. Em parceria com a Daimler-Benz, o Poema já aproveita a fibra do coco produzido na ilha de Marajó para a fabricação de encosto de cabeça dos bancos dos caminhões da Mercedes em São Paulo. Vai partir agora para o aproveitamento do curauá, com as participações ainda da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente (Sectam) e de Agricultura (Sagri) do Pará e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

Pelos planos do governo estadual, em cinco anos o projeto deverá estar envolvendo 450 famílias de agricultores, com a produção anual de 750 toneladas de fibra – hoje a comunidade de Curuai produz apenas 25 toneladas. Já em 1998 a Mercedes Benz deverá aproveitar 180 toneladas de fibra de curauá, segundo a Sectam. Mas a empresa informa que se o curauá for utilizado em todas as aplicações que se pretende, esse consumo poderá ultrapassar as 300 toneladas anuais.

O restante da produção paraense poderá ser aproveitada por outras empresas na indústria têxtil, na fabricação de telhas e caixas d'água e até no revestimento externo de computadores.

Roberto Barreiros explica que se os testes forem favoráveis, o curauá substituirá a fibra de vidro empregada hoje como reforço de plásticos, tanto termofixos como termoplásticos, permitindo a reciclagem com baixos custos. A fibra seria empregada em revestimentos de portas, colunas e teto de automóveis.

No caso do Classe A ela poderá ser empregada na tampa traseira, a quinta porta, e nas peças que compõem o revestimento inferior do assoalho. Nos caminhões, a utilização seria como reforço do polímero em peças como pára-sol externo, pára-choques, estribo e revestimento de portas, teto e paredes traseira e lateral.